

Intermezzo

Há cerca de 40 anos, em reação ao movimento internacional de renovação curricular da matemática moderna, registou-se um forte movimento de «back to basics». Isso ocorreu em numerosos países, mas não se verificou em Portugal. No nosso país, os programas baseados na Matemática moderna duraram longos anos, até ao início dos anos 90, altura que foram substituídos por programas baseados numa perspectiva multidimensional valorizando conhecimentos, capacidades, aptidões, atitudes, valores e também a resolução de problemas.

Agora, o *back to basics* finalmente chegou a Portugal, e em força. O que defende esta perspetiva? Essencialmente que a aprendizagem tem por base a memorização de longas listas de «conhecimentos básicos» e procedimentos de cálculo, cuja ligação e razão de ser, os alunos, mais tarde, poderão vir a compreender. Se não chegarem a compreender, também não faz mal, pois sempre terão aprendido alguma coisa. No fundo, trata-se do regresso às perspetivas de ensino dos anos 40 e 50 do século XX, anteriores à Matemática moderna.

Este movimento não é especificamente português nem se restringe à disciplina de Matemática. É um movimento que se desenvolve em vários outros países, é transversal a todas as áreas da educação e quer fazer crer que o ensino do passado, baseado na memorização acrítica, no treino de exercícios repetitivos, no ouvir e calar, na submissão à autoridade do professor e do manual, seria o mais adequado para os nossos dias. A verdade é que o ensino do passado foi criticado na sua altura por educadores e políticos responsáveis. Além disso, é completamente desadequado para a sociedade de hoje, que tem outras formas de comunicação, outras tecnologias, outros valores e, não esqueçamos, outros alunos.

Os promotores desta política desastrosa para o ensino da Matemática não têm qualquer seriedade na sua argumentação. Pelo contrário, na sua propaganda assumem que vale tudo, inventando as histórias mais impensáveis.

Assim, defendem que o programa de 2007:

- é prescritivo, coartando a liberdade de ensino do professor — *quando a verdade é que as metas curricula-*

res, essas sim, são profundamente prescritivas, indicando ano a ano o que o professor tem de lecionar, indicando mesmo a forma de abordagem de assuntos como o ensino dos algoritmos da adição e subtração, as operações com números racionais e muitos outros.

- assume que os alunos aprendem todos os conceitos e procedimentos matemáticos por descoberta, de forma natural, sem grande intervenção do professor — *deturpando grosseiramente as propostas do programa que valoriza a exploração e a descoberta, mas nunca diz que toda a aprendizagem é feita dessa forma, sublinhando pelo contrário a importância do papel do professor propor tarefas adequadas e introduzir e sistematizar a informação pertinente.*
- afirma que a memorização não é necessária para a aprendizagem — *outra mistificação, uma vez que no programa se aponta claramente a necessidade dos alunos compreender e memorizarem factos básicos como as tabuadas da adição e da multiplicação.*
- defende o uso indiscriminado da calculadora — *quando este programa defende exatamente o contrário, considerando que a calculadora não deve ser usada para a realização de cálculos imediatos ou em substituição de cálculo mental mas sim em cálculos complexos, na exploração de regularidades e na resolução de problemas.*
- baseia-se em teorias «antigas» — *quando este programa se apoia na investigação nacional e internacional atual sobre a aprendizagem dos conceitos e processos matemáticos.*

Portugal é uma sociedade democrática mas isso não significa que o debate político se faça em condições de igualdade. Há quem tenha condições para dizer as mais extraordinárias mentiras sem ser contrariado e há quem tenha poucas oportunidades para fazer valer os seus argumentos. Mas, diz o ditado, a verdade é como o azeite — há de vir ao de cima.

Como aconteceu com anteriores movimentos curriculares do mesmo género, este *back to basics* irá para o caixote de lixo da história.

Até lá, o que fazer?

Antes de responder, recordemos que a missão fundamental do professor é promover a aprendizagem dos alunos. O programa de 2013 e as metas curriculares são de cumprimento inviável, indicando aprendizagens que não são realistas para a generalidade dos alunos de cada nível etário. Além disso, estão escritos numa linguagem imprópria para o contexto escolar e para o público em geral. Mas o mais grave é que estes documentos:

- têm subjacente uma perspetiva de ensino atomizada, por objetivos específicos, que conduzem a aprendizagens fragmentadas e não significativas;
- desvalorizam a importância do trabalho do aluno a partir de contextos do quotidiano, promovendo a formalização precoce a todo o custo;
- deixam de lado capacidades fundamentais como a comunicação, reduzem o raciocínio matemático ao seu aspeto dedutivo e limitam a resolução de problemas à aplicação de procedimentos e técnicas;
- são para implementar com base num sistema de terror gerado por exames em todos os ciclos, provas de entrada na profissão, e sistemas precários de contratação de docentes.

Na sua prática profissional os professores de Matemática irão fazer com estes documentos o que sempre têm feito com os documentos curriculares — adaptá-los aos seus contextos, às necessidades dos seus alunos, ao que a sua capacidade profissional indicar como o mais apropriado para cada circunstância. Farão isso tanto melhor quanto melhor estudarem estes documentos com atenção, percebendo a sua lógica e as suas contradições, analisando a sua inadequação, e discutindo as suas consequências para a aprendizagem dos alunos com os professores de outras disciplinas, os diretores escolares, os encarregados de educação e com outros elementos da comunidade.

O *back to basics* irá gerar necessariamente uma reação de afirmação de valores educativos positivos, centrados na compreensão, no gosto pela Matemática, no prazer da descoberta, na capacidade de afirmação dos alunos de raciocinarem matematicamente pela sua própria cabeça.

Não tenhamos dúvidas. Estamos num *intermezzo* de curta duração. O caráter extremista e obsessivo desta política não fará mais do que apressar o seu fim e gerar anticorpos que evitarão o seu regresso por muitos e bons anos.

JOÃO PEDRO DA PONTE

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

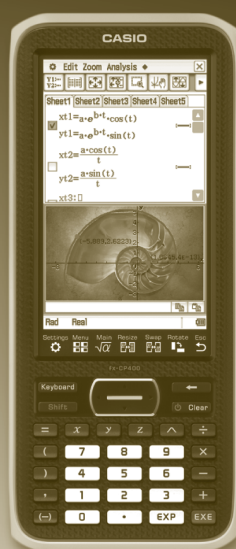
CASIO é muito +

CASIO A CORES PARA TODOS OS NÍVEIS DE ENSINO



FX-CG20

Aprovada para o Secundário



CLASSPAD 400

- Calculadora tátil
- Ecrã de grandes dimensões e com uma alta definição de imagem
- Ecrã rotativo
- Geometria dinâmica
- Disponível a partir de Junho de 2013

**Com CAS para
Ensino Superior**

CASIO Portugal
Tel.: 21 893 91 70 • Fax: 21 893 91 79
email: casioportugal@casio.pt
www.casio.pt

